

# Jornalismo líquido e a webnotícia profissional: metamorfoses produtivas, deslocamentos conceituais e o duplo estatuto das notícias

**ANELISE RUBLESCKI**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - [anelise\\_sr@hotmail.com](mailto:anelise_sr@hotmail.com)  
Jornalista, mestre em Comunicação/Ciência da Informação (ECO-UFRJ)  
e doutora do PPGCOM da UFRGS.

## **Resumo**

O artigo analisa algumas das mutações no processo produtivo e no formato das notícias no âmbito das redações profissionais, evidenciando como as webnotícias decorrem de metamorfoses produtivas, acarretam deslocamentos conceituais e conferem um duplo estatuto ao acontecimento e à notícia, mesmo considerando-se apenas o jornalismo profissional. Metodologicamente, trata-se de uma abordagem teórico-analítica, resultante do entrecruzamento entre bibliografia e mapeamentos empíricos que emprestam materialidade à discussão proposta.

## **Palavras-chave**

Jornalismo, Jornalismo líquido, Notícias, Jornalismo online, Metamorfoses jornalísticas

## **Abstract**

The paper analyzes some of the mutations in the productive process and in the news' format in the scope of newsrooms. Shows as the webnews bring productive metamorphoses, causing conceptual displacements and giving a double statute to the event and to the news, even considering just the professional journalism. It is a theoretical-analytical result of the intersection between literature and empirical examples that provide materiality to discussion.

## **Keywords**

Journalism, Liquid Journalism, News, Online Journalism, Changing

**Artigo recebido em 14/10/2011**  
**Aprovado em 09/04/2012**

O Jornalismo<sup>i</sup> líquido, compreendido a partir das múltiplas metáforas de Bauman (1999, 2001, 2007), sinalizaria o declínio do Jornalismo como mediador social, a exemplo de outras tantas instituições como Estado ou Igreja. É uma abordagem que traz para o bojo das discussões os novos tensionamentos em torno da prática social diária do jornalismo, particularmente simbolizados pelos fluxos noticiosos que se estabelecem a partir da porosidade entre as instâncias leitor-jornalista-fontes enquanto enunciadores e mediadores sociais. Contudo, é oportuno ressaltar que o conceito de Jornalismo líquido com o qual trabalhamos<sup>ii</sup> não significa o fim do Jornalismo, embora decorra das metamorfoses que se instauram para jornalismo informativo diário, especialmente o *online*. O jornalismo líquido é um cenário instável, em aberto, permeado por mudanças que têm como cenário uma sociedade amalgamada em rede, digital, convergente, multimídia, em tempo real.

São alterações sócio-discursivas, ainda que propiciadas pela digitalização e pela convergência em torno de novas práticas culturais, inclusive notícias, onde se observa uma crescente centralidade das mídias nas interações sociais, característica da cultura midiática (KELNNER, 2001). A cultura midiática – também denominada de mediatização, cultura da mídia ou mediatização – pontua a intensificação de processos que vão transformando tecnologias em meios de produção, circulação e recepção de discursos. Para o Jornalismo, são práticas que desencadeiam um processo de alargamento das fronteiras do campo e tensionam a própria cultura profissional.

Este artigo tem como recorte discutir algumas das mutações no processo produtivo e no formato das notícias especificamente no âmbito das redações profissionais, evidenciando como as webnotícias decorrem de metamorfoses produtivas, acarretam deslocamentos conceituais e conferem um duplo estatuto ao acontecimento e à notícia, mesmo considerando-se apenas o jornalismo consolidado.<sup>iii</sup>

## **Acontecimento e notícia: uma abordagem tradicional**

Do ponto de vista da natureza do acontecimento para o jornalismo, ele está na vida cotidiana dos sujeitos e da sociedade como objeto de referência para os relatos construídos. Este acontecimento da ordem do mundo vivido recebe plurais

denominações a partir de autores diversos<sup>iv</sup>, o que permite diferenciá-lo do acontecimento construído pelo jornalismo. São nomeações que sinalizam que as notícias referem-se a acontecimentos que lhes antecedem e que lhes servem de referente real.

Assim delimitados, entende-se pela literatura tradicional que os fatos ou os acontecimentos sociais seriam a matéria-prima do jornalismo, alimentando, de fora, o ecossistema<sup>v</sup> jornalístico. Apreendidos pelo jornalismo enquanto prática social, serão objeto de um processo de transformação (CHARAUDEAU, 2009), cujo resultado é a notícia.

Notícias podem ser classificadas sob distintos ângulos de observação, como, por exemplo, a notícia em cada um dos meios de comunicação (rádio, jornal, revista, TV, web), por sua forma de apresentação, pela estrutura ou pelo conteúdo. Para Jorge (2006, p.2):

Elas [as notícias] podem ser objeto de consumo (mídia para as agências de publicidade, matéria paga nos veículos ou resultado de transações comerciais entre empresas); unidade discursiva (na literatura, retórica, ou lingüística); ou forma de transmissão cultural (na sociologia). No jornalismo, a notícia, além de aparecer como sinônimo de comunicação, informação, ainda é um gênero, por contraposição a outros (reportagem, artigo, coluna), e uma unidade básica de produção, que engloba um determinado *modus faciendi*, obedece a regras e oferece um certo resultado: o relato publicado.

Diversas são as mutações no processo produtivo das notícias mesmo quando o olhar se volta apenas para as redações profissionais. Na sequência, abordam-se algumas destas variáveis e suas implicações para a notícia no Jornalismo líquido.

## **A pirâmide deitada e suas implicações na mediação jornalística**

A primeira sensível alteração das notícias no webjornalismo refere-se à própria estrutura. No início, a informação é dada em traços gerais e de forma lacunar. Depois, vêm as notícias subsequentes completando, pormenorizando e – atualmente tão significativo quanto – corrigindo ou modificando completamente a informação. No jornalismo líquido - e especialmente nas webredações - usualmente são disponibilizadas uma ou duas linhas de texto em torno do “o quê?”, mesmo que sem confirmação da

notícia, onde “a urgência da imediatividade sobrepõe-se às exigências da objectividade e da verificabilidade (FIDALGO, 2007, p.107).

O jornalismo “em tempo real” - cuja característica é a alimentação contínua - frequentemente impede a utilização da figura da pirâmide invertida, já que esta pressupõe um tempo de apuração, mesmo que curto, para agregar informações suficientes para responder às questões básicas do *lead*. O que se observa é uma nova estrutura de disponibilização das notícias que João Canavilhas (2008) denomina de pirâmide deitada (pirâmide tumbada), onde a notícia se desenvolve de forma horizontal e por níveis que, gradualmente, aumentam o volume das informações sobre os tradicionais elementos da notícia (o quê, quem, onde, quando, como e por quê?).

Neste modelo de jornalismo, a leitura passa a ocorrer pelo ordenamento das informações em blocos: (1) unidade de base, onde é respondido o essencial; (2) nível de explicação, que contém o porquê e o como, complementando o essencial; (3) nível de contextualização, onde podem ser oferecidas outras informações como fotos, infográficos, textos e mesmo vídeos e (4) nível de exploração - que pode ligar a notícia a arquivos externos, como um banco de dados. A alteração de ordem espacial e, portanto, estrutural, acarreta mudanças de paradigma para o jornalismo informativo, já que reforça o papel do leitor no processo informativo em detrimento do emissor.

Isto porque há um deslocamento de sentidos do ponto de vista da notícia como “relato de um acontecimento”, isto é, algo “pronto”<sup>vi</sup> e sintetizado pelas seis perguntas básicas do *lead* pelo jornalista como acontecia até recentemente. Agora, é o leitor que constrói o sentido a partir do seu próprio percurso de leitura, de acordo com “as expectativas que tem com relação a cada elemento da informação” (CANAVILHAS, 2008, p.86).

A notícia, até recentemente considerada como um “relato finalizado” do acontecimento, será construída pelo leitor ao decidir qual ou quais unidades de informação acessará. “Embora sejam claramente definidos os níveis de informação, não há uma organização dos textos em função da importância informativa, mas uma tentativa de assinalar pistas de leitura” (CANAVILHAS, 2007, p.28).

A estrutura da webnotícia se articula com o conceito de Resolução Semântica (FIDALGO, 2003) que vai se desenvolvendo ao longo da própria tessitura da notícia, na medida em que se acrescentam novos nós de informação, sejam estes internos (novos arquivos que vão construindo a notícia gradualmente) ou *links* para fontes externas.

Contudo, o conceito de resolução semântica só tem sentido se houver uma estrutura organizativa das informações, uma espécie de “ponto zero” a partir do qual a resolução possa se desenvolver. No jornalismo *online* tradicional, um critério que se destaca é a ordenação pela data e pelo horário da postagem. Além desta ordenação temporal da atualidade, também é possível ordenar por temas, por locais, por intervenientes e todos os demais campos de classificação (MIELNICZUK et. al., 2010).

O exemplo ilustra a colocação dos autores:

Uma notícia sobre um incêndio em um bairro do Rio de Janeiro será publicada, inicialmente, de modo imediato e deficiente, dando conta apenas de que houve um incêndio num determinado ponto da capital fluminense. Porém, à medida que mais informações são apuradas, a notícia será complementada com dados sobre onde de fato aconteceu, quando exatamente ocorreu, o que provocou tal incêndio, se ele foi detonado por sabotagem, se houve vítimas e quantas foram, para qual hospital foram levadas, as dificuldades dos bombeiros para debelar o fogo, o que contam os moradores do bairro que testemunharam o incêndio, perdas materiais que tiveram, o montante do prejuízo, as fotos e vídeos que possam enviar para contextualizar a notícia, a opinião de especialistas, outros casos de incêndio na área, além de infografias ou mapas interativos para localizar geograficamente o acontecimento poderão aprofundar ainda mais a notícia – ou seja, até o relato do fato jornalístico alcançar o nível em que passará da baixa resolução inicial para uma situação de alta resolução, quando atingirá também um alto nível de densidade semântica (MIELNICZUK et. al., 2010, p.4-5).

O limite, diz Fidalgo (2007), seria o da saturação semântica, o estado em que todas as informações sobre o evento estariam disponíveis. É neste sentido que a figura do poliedro utilizada pelo autor como metáfora se transformaria em uma esfera, onde cada nova informação que se junta/contrapõe à notícia original configura um poliedro com mais lados, até que os ângulos sejam imperceptíveis e que a figura, potencialmente, transforme-se em uma esfera. Na prática, tal resolução nunca é alcançada, porque o

“número de faces não é previamente definido e nunca pode ser considerado como legitimamente concluído” (FOUCAULT<sup>vii</sup>, citado por MAROCCO, ZAMIN, BOFF, 2009, p.6).

Para além desta possibilidade de análise polimórfica em torno de um acontecimento singular, outro conjunto de alterações refere-se diretamente à incorporação de novas tecnologias à produção das notícias.

A digitalização acarreta alterações nas próprias redações jornalísticas, que se reestruturam para produzir material em tempos de convergência tecnológica de texto-áudio-vídeo, para mais de um dos veículos do conglomerado. Neste sentido, diz Bolaño (2006, p.1):

Há uma forte flexibilização do trabalho e uma tendência ao apagamento das fronteiras entre as especialidades jornalísticas, com o repórter exercendo, por exemplo, a função de fotógrafo. As atividades próprias do jornalista vão-se, assim, de um modo geral, esvaziando, sendo simplificadas, enquanto outras, antes ligadas a áreas como a informática, ganham relevância e passam a fazer parte das ferramentas intelectuais que o jornalista é obrigado a dominar. O resultado é um amplo processo de desqualificação e re-qualificação, em detrimento do instrumental crítico, anteriormente vinculado à formação desses profissionais.

Emergem novas formas de apuração dos acontecimentos com o uso de *e-mails* substituindo as entrevistas pessoais, a possibilidade de acesso a banco de dados e uma profusão de informações que circulam em espaços virtuais diversos, potencialmente ampliando pautas e fontes. Estas novas rotinas afetam o dia a dia das redações e propiciam o surgimento do “jornalista sentado” (NEVEU, 2001), que Adghirni definirá como “um burocrata da notícia, sentado diante de um computador que lhe serve de fonte de informação, sala de redação, tela de texto” (ADGGHIRNI, 2005, p.47). As novas práticas dentro da redação acabam por alterar o conceito de acontecimento e conferem um duplo estatuto para as notícias, porque acarretam mudanças também no processo de transformação.

## Processos de transformação e de transação nas webnotícias

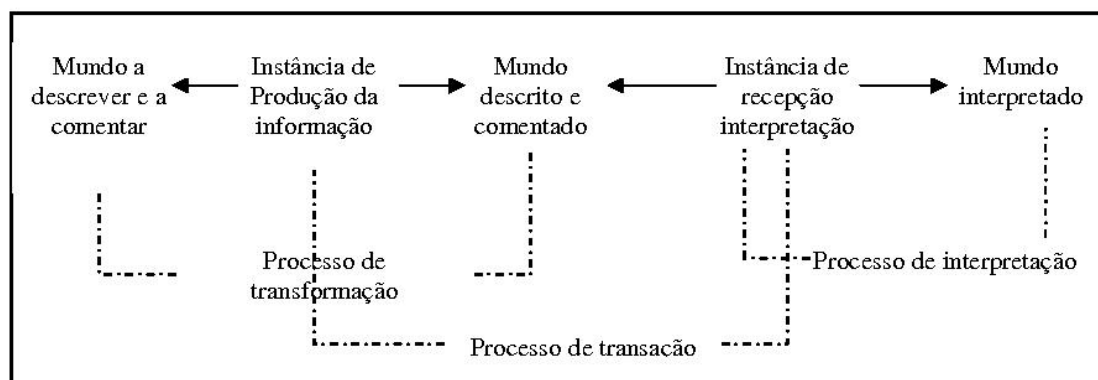
O jornalismo líquido acarreta também a ruptura de uma ilusão alimentada pelos próprios jornalistas em torno da produção das notícias. Trata-se de uma acepção de notícia “desenvolvida pela própria ideologia profissional dos jornalistas nos países ocidentais” [onde] “as notícias são como são porque a realidade assim as determina” (TRAQUINA, 2005, p. 147). Nesta colocação há duas premissas: primeiro a de que existe uma realidade, única e universal; segundo, de que as notícias seriam simples relatos de acontecimentos que ocorrem fora do sistema jornalístico. Trata-se de uma abordagem abandonada pela academia a partir da adoção de outras percepções ou teorias, o que não impediu que seguisse sendo o senso comum dentro das redações jornalísticas.

Fora do ambiente acadêmico e das discussões mais aprofundadas, o mito continua vivo no cotidiano do trabalho jornalístico, no senso comum, na percepção que a sociedade tem do jornalista e na auto-imagem que o jornalista sustenta perante seus pares e perante a sociedade (LOPES, 2007, p.57).

Neste sentido, salienta Charaudeau (2009) que o acontecimento é sempre construído, já que o “mundo a comentar” nunca é transmitido em estado bruto à instância da recepção. No contexto do contrato de comunicação, conforme proposto pelo autor, tem-se que o discurso jornalístico, antes de manifestar o mundo, manifesta uma relação onde o sentido se constrói ao término de um duplo processo de transformação e transação (CHARAUDEAU, 2009).

Estes processos são sempre condicionados pelas características situacionais da troca, pelos condicionamentos e pelas seleções discursivas. A figura 1 sintetiza o processo de transação e transformação no contrato de comunicação do jornalismo tradicional com os seus leitores.

Figura 1 - Processos de transformação e transação no contrato de comunicação



Fonte: CHARAUDEAU, 2009, p.42

No jornalismo líquido, duas importantes rupturas podem ser pontuadas em relação à esquematização apresentada, ambas diretamente relacionadas com o sistema jornalístico-comunicacional configurado em redes e fluxos.

A primeira ruptura evidencia-se a partir da crescente correferencialidade entre as mídias, especialmente a partir do momento em que “a web se fortalece mais como médium do que como apenas suporte” (SOSTER, 2009, p.1). O processo de transformação dos acontecimentos em notícias, conforme proposto por Charaudeau (2009), os situa fora do sistema jornalístico. Já na sociedade midiaticizada, onde os fluxos imbricam os sistemas social e tecnológico e transformam a tecnologia em meio de comunicação, a midiaticização do jornalismo acarreta que:

[...] seus dispositivos – jornais impressos, revistas, rádios, televisões, webjornais e *blogs*; no que eles têm de jornalístico –, que também são agentes da midiaticização, acabam por se midiaticizar. Este fenômeno pode ser mais visivelmente percebido quando estes mesmos dispositivos passam a estabelecer seus diálogos processuais cada vez mais entre seus pares, deslocando a importância do entorno (SOSTER, 2009, p.2).

Bourdieu (1997) já havia pontuado a prática de um meio pautar outro a partir da “circularidade circular da informação” entre veículos. Mas conforme abordado pelo sociólogo francês refere-se a um mesmo acontecimento ser relatado como notícia por

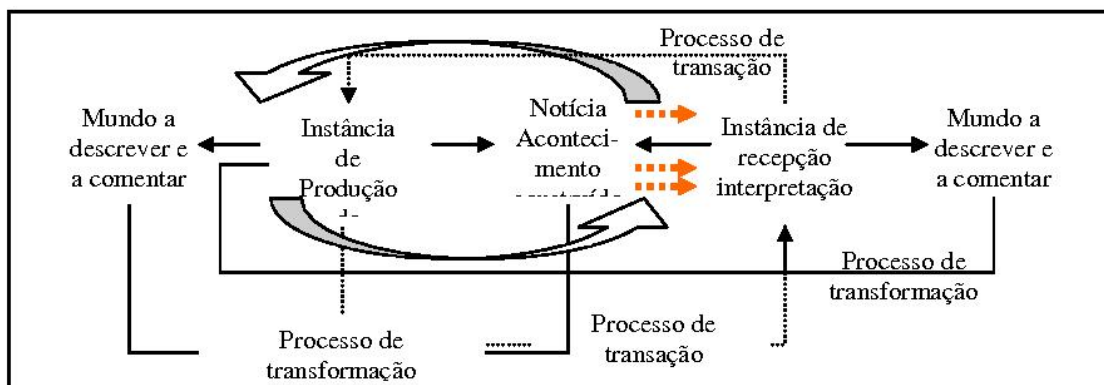


vários veículos, cada um a partir da sua própria apuração/construção discursiva. Aqui, a lógica sistêmica conduz a outro olhar, a partir da correferencialidade entre veículos diversos e da prática autorreferencial dentro de um veículo ou mesmo de conglomerado onde a notícia “deixa de lado seu entorno (...) e passa a estabelecer diálogos processuais cada vez mais escorados nos próprios dispositivos” (SOSTER, 2009, p.9).

A autorreferencialidade de um conglomerado ocorre, por exemplo, quando os veículos que o compõem passam a ser fonte de notícia para os demais meios do grupo, fazendo com que a gênese da notícia deixe de ser o “acontecimento a ser comentado” (CHARAUDEAU, 2009) e passe a ser as notícias já publicadas por um veículo. Isto é, na lógica circular interna, autorreferencial, os dispositivos deslocam “a produção e a oferta de sentidos para o interior da estrutura física da instância meio, que passa a operar processualmente dentro de seus próprios contornos” (SOSTER, 2009, p.9-10).

É aqui que se configura o duplo estatuto da notícia. O primeiro, da notícia como até recentemente concebida, que se insere no sistema jornalístico através de uma mídia, ainda que não mais necessariamente de massa ou institucionalizada. Em um segundo nível, a notícia publicada em algum meio passa a ser o acontecimento em si que gera novas notícias a partir dos fluxos, dos processos sociais e das intersecções entre as mídias, inclusive as locadas em outros subsistemas do jornalismo além do tradicional. Ao mesmo tempo, a até então instância receptora torna-se também produtora de conteúdos, iniciando outros processos de transação no jornalismo líquido. A figura 2 demonstra esta nova processualidade.

Figura 2 – Processos de transformação e transação no jornalismo líquido



Fonte: Adaptado pela autora, a partir de Charaudeau, 2009.

Observa-se, então, que as notícias, enquanto acontecimentos construídos, retornam à instância midiática para um novo processo de transformação, isto é, outro processo de construção de notícia. Na figura, esta circulação intensa das notícias já publicadas por algum meio tradicional é simbolizada pelas setas maiores. Na prática, nem sempre ocorre um novo processo de transformação, já que não raro os textos são republicados na íntegra, com ou sem fonte de origem, sendo sucessivamente objeto de processos de transação com a instância receptora (representadas na figura pela pluralidade de setas menores).

O ponto de partida deste novo acontecimento, cujo relato se dá também na forma de notícia, não é o factual externo, o “acontecimento a ser interpretado” no dizer de Charaudeau (2009). A referencialidade desta(s) notícia(s) é a notícia previamente publicada por algum veículo.

Trata-se de uma realidade típica de sistemas. A partir da distinção entre sistemas abertos e fechados, Morin<sup>viii</sup> (citado por ALSINA, 2009) afirma que a principal diferença entre eles é que os sistemas abertos (caso do sistema da mídia) possuem múltiplos subsistemas e que funcionam como sistemas auto-organizadores. A característica mais pontual dos sistemas auto-organizadores é a sua relação com o ecossistema. “Todo *input* é um acontecimento em potencial para o sistema, todo *output* é um acontecimento em potencial para o ecossistema (MORIN, citado por ALSINA,

2009, p.134). É a própria natureza das redes que assegura este processo por seus fluxos de auto e correferencialidade, típicos do jornalismo líquido:

De natureza distribuída, as redes, os nós e as conexões se desenvolvem de acordo com o modelo de muito para muitos, teoricamente sem uma centralidade operacional, a partir de uma lógica de fluxos própria dos sistemas abertos. A consequência, então, é que "quanto mais a mídia contempla sua própria imagem, mais provável é que o sistema comece a realimentar a si mesmo, como uma guitarra Stratocaster inclinando-se sobre a amperagem na qual está ligada" (JOHNSON, 2003, p.99).

Um exemplo pode ilustrar o fenômeno. Contratado pelo time italiano Milan, Ronaldinho Gaúcho tinha com este contrato assinado até julho de 2011. Contudo, uma nota publicada em 30 de novembro de 2010 pelo jornal Tuttisport<sup>ix</sup> afirmava que o ciclo de Ronaldinho no Milan poderia estar próximo do fim, já que a camisa 80 já não seria mais indispensável e que o craque não faria mais parte do "projeto rubro-negro". A notícia foi rapidamente absorvida pelo sistema jornalístico, sendo, entre muitos outros locais, noticiada pelo *Correio do Povo*<sup>x</sup>, a partir da republicação de um *release* da Agência Estado.

<b>Ronaldinho teria sido liberado pelo Milan para voltar ao Brasil, diz site italiano</b>	<b>Descrição das operações</b>
<p>Publicada em 30 de Dez de 2010 - 22h25min</p> <p>O site italiano Milan News, especializado em notícias sobre o clube rossonero, publicou uma matéria nesta quinta-feira afirmando que Ronaldinho foi liberado para atuar no Brasil a partir de janeiro. Segundo o texto, o jogador deve deixar a inter-temporada em Dubai nas próximas horas e retornar ao Brasil. O objetivo do jogador seria buscar espaço para participar da Copa do Mundo de 2014. O site coloca Grêmio, Palmeiras e Flamengo como prováveis destinos do meia.</p> <p>A nota afirma que já houve um acerto entre o irmão e empresário de Ronaldinho, Assis, e o vice-presidente do Milan, Adriano Galliani. Os dois estão no Rio de Janeiro, onde passarão a virada do ano e já se encontraram ao menos uma vez para tratar da saída do jogador da equipe italiana.</p>	<p>Observa-se que a matéria agrega plurais fontes. Publicada pelo <i>Correio do Povo</i>, a matéria é a republicação um <i>release</i> da Agência Estado, que seria disponibilizado na íntegra também por outros veículos.</p> <p>O título já surpreende ao explicitar ser uma notícia desenvolvida a partir de um <i>site</i>, o que é reforçado já na abertura da matéria: trata-se de uma matéria construída a partir de dados veiculados pelo Milan News. Este é o site que "fala".</p> <p>A "credibilidade" é buscada pela verbalização de que não se trata de um <i>site</i> qualquer; afinal o Milan News seria "especializado em notícias sobre o clube rossonero". Logo, tem autoridade para ocupar a posição de "quem fala".</p> <p>A expressão "Segundo o texto" (5ª linha) reforça que a fonte é a outra notícia, já que quem afirma não é nem o jogador, o técnico, o empresário ou o Milan,</p>
<b>PSG entra na briga, mas Robinho não quer</b>	

<p><b>perder companheiro</b></p> <p>Nesta quinta-feira, o Paris Saint Germain, clube francês no qual Ronaldinho jogou em 2001, acenou com a possibilidade de pagar a multa rescisória de 8 milhões de euros e contratá-lo, de acordo com o site Goal.com.</p> <p>A possibilidade de Ronaldinho deixar o clube não agrada ao colega de Milan Robinho. “Ele não é só um amigo, mas principalmente um grande jogador. A coisa que mais espero é que ele possa ser feliz. Mas como seu amigo e seu companheiro de equipe, espero que possa ser feliz aqui com o Milan”, comentou.</p> <p>Agência Estado</p>	<p>que sequer foram ouvidos na construção da notícia.</p> <p>No parágrafo seguinte, a ancoragem em notícia já anteriormente publicada é reforçada com a expressão “A nota afirma”. A notícia é um exemplo do encadeamento midiático entre <i>sites</i> com predomínio da mera republicação sem ouvir as partes envolvidas.</p> <p>Após o subtítulo “PSG entra na briga, mas Robinho não quer perder companheiro”, encontram-se dados referendados por outro <i>site</i>, desta vez o Goal.com.</p> <p>No último parágrafo encontra-se o único testemunho de fonte como originalmente concebido pelo jornalismo, isto é, a citação do companheiro Robinho.</p>
---	---

Para mapear a extensão deste fenômeno no jornalismo líquido, foi utilizado o *software* Copyscape Premium<sup>xi</sup> e a matéria recém citada. O *software*, a partir do conteúdo selecionado, faz uma varredura na web em busca de trechos ou da íntegra do texto reproduzido a partir do *link* de origem. Foram localizadas 154 matérias exatamente iguais, exceto pelos títulos.

Observa-se, assim, que gradualmente a mídia passa a publicar conteúdo que outros veículos já ofereceram em termos de notícia. Configura-se um processo circular, onde o jornalismo passa a se alimentar abertamente também do próprio jornalismo e das notícias já publicadas, onde a mídia dialoga com a própria mídia mesmo que em detrimento “do mundo a comentar”, dos acontecimentos do dia a dia que, tradicionalmente, lhe cabe apurar, interpretar e construir a sua versão da realidade.

## Considerações finais

Mutações fazem parte da própria história do Jornalismo, posto que é uma prática sócio-comunicacional. O mesmo se aplica à notícia, entendida como a narrativa de acontecimentos sociais. Mutável como o próprio Jornalismo, a notícia se adaptou aos suportes e deles fez distintos meios de expressão. Mudou junto com os modos de produção, com a cultura profissional e com as organizações jornalísticas. No processo, passou por diferentes etapas, mudou em forma, gêneros e critérios de relevância e se

adaptou tanto às opções tecnológicas dos diferentes períodos quanto às diversas configurações sócio-culturais.

Assim, é natural que o jornalismo e as notícias se alterem na ecologia midiática da sociedade midiaticizada. Isto porque o Jornalismo líquido se insere em um sistema comunicacional integrado por conexões e nós, caracterizado por um fluxo permanente de notícias e de relações entre interagentes a partir de vários subsistemas jornalísticos, sendo particularmente marcado pela ruptura dos limites espaciais e temporais, bem como pelo declínio dos discursos verticalizados. Com este olhar, vislumbra-se que o Jornalismo líquido constitui-se como uma nova fase que traz diversas das características que configuraram o jornalismo informativo ao longo da segunda metade do século XX e que a elas agrega novas variáveis enquanto espaço de mediação social, processualidade e formato das notícias.

O recorte que se buscou explorar neste artigo – mutações das rotinas produtivas nas redações profissionais e no formato das webnotícias – contempla apenas uma das fases visíveis desta nova ecologia das mídias. Insere-se em uma abordagem mais ampla do Jornalismo líquido que também contempla leitores e fontes como instâncias produtoras de conteúdo jornalístico e, sobretudo, a nova processualidade das notícias pelo tecido social.

Mesmo com o olhar voltado apenas para as redações profissionais, observa-se a ruptura de aspectos centrais da cultura e da prática jornalística sistematizados nos preceitos e teorias que lhes dão suporte. Se o jornalismo como reflexo do real é uma tese já há muito abandonada pelas teorias do jornalismo, o “efeito de realidade”, tão caro aos jornalistas, precisa ser construído através das rotinas produtivas. A pirâmide deitada e a gradual retificação dos dados ao longo da própria tessitura da notícia sinalizam um jornalismo provedor de conteúdos, com desqualificação da apuração e da mediação, centrais à prática do jornalismo. É um exemplo de que a transformação da velocidade em vetor no Jornalismo subverte prioridades, transferindo para o leitor funções típicas das redações, como a interpretação, por exemplo.

O mesmo ocorre com o mimetismo das notícias, resultante da auto e da correferencialidade mencionadas ao longo do artigo. Não são práticas novas, mas

encontram-se potencializadas pelas redações *online*. Assim, o ineditismo, que era um traço forte da cultura das redações, junto com a pluralidade de conteúdos deixam de ser reais, já que a escolha de veículos informativos torna-se uma ilusão quando o conteúdo é o mesmo, às vezes sequer readaptado. O duplo estatuto da notícia que emerge neste processo, onde apenas o primeiro relato mantém a referencialidade externa e a ancoragem nos acontecimentos sociais, enquanto as demais notícias têm como referente outras notícias já publicadas, é um aspecto do jornalismo atual que demanda estudos mais aprofundados.

Não há dúvidas de que produção das notícias está em franco processo de repaginação dentro das próprias redações profissionais, com a adoção de novas rotinas produtivas e formatos de notícias, para além da consagrada resposta às seis perguntas básicas do *lead*. A grande questão que permanece em aberto é como utilizar este novo modelo de jornalismo para fortalecer a instituição jornalística como mediadora social.

## Referências

- ADGHIRNI, Zélia. *O Jornalista: do mito ao mercado. Estudos em Jornalismo e Mídia*.v.2 n. 1, 2005.
- ALSINA, Miquel. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BOLAÑO, César. Jornalismo online: reflexões a partir da Economia Política da Comunicação. *Verso e Reverso*, ano XX, n.43, v.1. 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. São Paulo, Zahar, 1997.
- BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.
- CANAVILHAS, João. *Webnotícia: Propuesta de Modelo Periodístico para la WWW*. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã: Livros Labcom, 2008. [e-book]. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/canavilhas-webnoticia-final.pdf>>. Acesso em 27 fev 2011.
- \_\_\_\_\_. Webjornalismo: Da Pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: BARBOSA, Suzana (org). *Jornalismo digital de terceira geração*. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã: Livros Labcom, 2007. p. 23-38. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/barbosasuzana-jornalismodigitalterceira-geralcao.pdf>>. Acesso em 18 fev 2011.
- FIDALGO, António. A resolução semântica no jornalismo online. In: BARBOSA, Suzana. (Org.). *Jornalismo digital de terceira geração*. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã: Livros Labcom, 2007. [e-book]. p. 93-102. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/barbosasuzana-jornalismodigitalterceirageralcao.pdf>>. Acesso em 18 fev 2011.

- \_\_\_\_\_. Sintaxe e semântica das notícias on-line. Para um jornalismo assente em base de dados. In: LEMOS, André et al. (Orgs.). *Mídia.Br*. Porto Alegre: Meridional, 2003. p. 180-192.
- KELLNER, D. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.
- LOPES, Fernanda Lima. Auto-referenciação e construção da identidade jornalística. Dissertação (mestrado em Comunicação Social) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- JOHNSON, Steven. *Emergência: a dinâmica da rede em formigas, cérebros, cidades e softwares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- JORGE, Thaís de Mendonça. A notícia e os valores-notícia: o papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa. *UNIrevista*, v. 1, n. 3, jul 2006.
- LUHMANN, Niklas. *Introdução à teoria dos sistemas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Ângela; BOFF, Felipe. Os jornais e o Acontecimento Obama. VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. *Anais ...* São Paulo: SBPJor, 2009.
- MEDINA, Cremilda. *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008.
- MIELNICZUK, Luciana et. al. Estudos iniciais sobre a concepção de resolução semântica no jornalismo digital. XIX Encontro Anual da Compós. *Anais do...* Rio de Janeiro: Compós, 2010.
- NEVEU, Érik. *Sociologia do jornalismo*. Edições Loyola: São Paulo, 2001.
- NICOLAU, Marcos. Fluxo, conexão, relacionamento: um modelo comunicacional para as mídias interativas. *Culturas Midiáticas*, ano I, n. 01 – jul./dez./2008.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo. Mídiação, a terceira descontinuidade do jornalismo. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. 2009. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/soster-demetrio-midiatizacao.pdf>>. Acesso em 17 fev 2011.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são – volume 1.3 ed*. Florianópolis: Insular, 2005.
- VAZ, Paulo; FRANÇA, Renné. Entre o legítimo e o legitimado: a explosão dos acontecimentos nas capas de Veja. In: XVIII Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 18, Belo Horizonte, 2009. *Anais...* Belo Horizonte: Compós, 2009, p. 1-15.

Neste artigo utiliza-se a inicial maiúscula em referência ao campo do Jornalismo como forma de diferenciação da prática jornalística.

<sup>ii</sup> O presente artigo deriva da tese de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul com o título “Jornalismo líquido: mediação multinível e notícias em fluxos”, sob orientação do prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva.

<sup>iii</sup> O jornalismo líquido engloba espaços que não são jornalisticamente institucionais, mas que efetivamente se inserem no circuito da notícia, caracterizada no cenário atual por ocorrer em fluxos e propiciar uma mediação multinível. Neste artigo, contudo, o foco é o jornalismo profissional.

<sup>iv</sup> Medina (2008) denomina os acontecimentos cotidianos como “acontecimentos sociais” e o acontecimento jornalístico de “acontecimento noticioso”. Para Vaz e França (2009), o acontecimento cotidiano refere-se ao próprio acontecer, sendo, por isso, um “acontecimento legítimo”. Os autores comparam este acontecimento ao “acontecimento legitimado”, que seriam aquelas ocorrências da vida cotidiana transformadas pelo jornalismo. Alsina (2009) subdivide o termo em acontecimento informativo, acontecimento jornalístico e acontecimento-notícia, onde todos são tidos como acontecimentos sociais. Já Patrick Charaudeau (2009) denomina este acontecimento do mundo a comentar de “acontecimento bruto”.

<sup>v</sup> Segundo Nicolau (2008), autor que se refere aos estudos de Kenneth Boulding, existem nove níveis de sistemas classificados por ordem crescente de complexidade, desde sistemas estáticos e fechados - como o mapa de uma região, por exemplo - até os sistemas abertos, o dos seres vivos. As mídias interativas se inserem no nível oito, referente ao sistema social. Caracteriza o sistema social sua estrutura complexa e o fato de ser aberto à influência ambiental, com intenso poder de adaptação a partir da capacidade de acumulação de conhecimento coletivo e diversidade de perfis individuais. Vale lembrar que um sistema é reconhecido como tal quando representa uma diferença em relação ao ambiente em que se insere (LUHMANN, 2009), já que não se pode pensar em sistema sem ambiente. Segue-se Braga (2006, p.23) quando afirma que: “as expressões ‘sistema’ e ‘subsistema’ são intercambiáveis – um sistema pode ser sempre ser parte de outro, mais abrangente (logo, um subsistema deste). “Um subsistema, ao ser observado enquanto espaço de abrangência em relação a seus componentes internos, pode, por comodidade, ser referido como sistema em estudo”. Neste artigo, o Jornalismo constitui-se no sistema em investigação. Dentro do sistema-jornalismo se insere uma pluralidade de subsistemas: cada jornal impresso, TVs, rádios, cada blog-jornalístico, cada webjornal, bem como seus subsistemas correlatos (anunciantes, repórteres, fotógrafos, bancas de jornais, agências de notícias, prestadores de serviços) todos podem ser considerados subsistemas, visto que estabelecem um fluxo comunicacional entre si.

<sup>vi</sup> Refere-se aqui à visão predominante nas redações sobre a mediação jornalística, embora saliente-se que o sentido sempre se completa pela visão do leitor.

<sup>vii</sup> FOUCAULT, Michel. Mesa redonda em 20 de maio de 1978. In: Ditos e escritos IV. Rio Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.335-351, onde o autor expõe a metáfora de “poliedro de inteligibilidade”.

<sup>viii</sup> MORIN, Edgar. L’ év’nement-sphnix. *Communications*, n.18, 1972. p173-192.

<sup>ix</sup> [www.tuttosport.com/](http://www.tuttosport.com/)

<sup>x</sup> [www.correiodopovo.com.br/](http://www.correiodopovo.com.br/)

<sup>xi</sup> <http://www.copyscape.com/premium.php>. Marca Registrada da Indigo Stream Technologies.